

LINGUÍSTICA FORENSE: CENÁRIOS E PERSPECTIVASRichard Malcom Coulthard¹**Comentário do Editor**

Nesta edição da Revista Saridh – Linguagem e Discurso, entrevistamos o professor Dr. Richard Malcom Coulthard. O pesquisador foi selecionado e convidado para ser entrevistado pela Revista Saridh por apresentar um trabalho histórico e internacionalmente conhecido na área de Linguística Forense.

*Richard Malcom Coulthard é professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina, Catedrático em English Language and Linguistics, na University of Birmingham e Catedrático de Forensic Linguistics na Aston University, Birmingham, onde fundou o que hoje em dia é o maior centro de estudos da Linguística Forense – The Aston Institute of Forensic Linguistics. É conhecido por seu trabalho nos campos da análise do discurso e da linguística forense. Foi orientado por Michael Halliday e John Sinclair, sendo considerado um dos introdutores da Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil. Seus trabalhos em Linguística Forense culminam em duas grandes obras publicadas já no século XXI, quais sejam: *Introduction to Forensic Linguistics*, 2008/2018 e *The Handbook of Forensic Linguistics*, 2010/2021.*

Na presente entrevista, o professor Richard Malcom Coulthard responde a perguntas sobre seu trabalho na área de Linguística Forense, contemplando as aplicações, cenários e perspectivas dessa área no mundo contemporâneo.

¹ Professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Catedrático em English Language and Linguistics, na University of Birmingham (UK) e Catedrático de Forensic Linguistics na Aston University, Birmingham.
Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6386549733649630>

1. (Revista Saridh) Professor Malcolm, o senhor poderia nos contar um pouco sobre a sua relação com a Linguística Forense, destacando como essa relação aconteceu em sua trajetória acadêmica e de onde surgiu esse seu interesse em trabalhar com essa área?

Professor Malcom: A Linguística Forense como categoria pericial e como disciplina acadêmica começou no Reino Unido por acaso, de fato, num corredor do Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham, onde ensinei Linguística Inglesa e Análise do Discurso para estudantes de licenciatura em inglês. Em 1986, fui abordado por um colega, que já era perito em análise forense de caligrafia, com um desafio: “Como ensinas uma disciplina, a linguística literária, que, entre outras coisas, mostra aos alunos a diferença entre a interação verbal genuína e a pseudo-interação que os dramaturgos põem em cena, sois capaz de demonstrar que este texto, supostamente genuíno, de uma entrevista policial com um suspeito, foi falsificado?”

Escrevi um relatório e fui ao tribunal para testemunhar oralmente, mas nunca fui chamado porque as provas de falsificação do meu colega eram tão convincentes que o juiz arquivou o processo, libertou o suspeito e criticou severamente os agentes da polícia envolvidos. Como consequência, uma unidade de elite da polícia, a *West Midlands Serious Crime Squad*, foi imediatamente dissolvida, 51 agentes suspensos, 6 acusados e 4 posteriormente condenados. A minha fama entre a comunidade prisional foi imediata e pude tratar de muitos outros casos de registros de entrevista falsificados de interrogatórios policiais.

Ao mesmo tempo, vários estudantes atraídos por essa nova área se inscreveram para fazer doutorado e, quando se formaram, foram para quatro universidades britânicas, onde estabeleceram programas de mestrado e começaram a treinar a próxima geração.

2. (Revista Saridh) Professor, como o senhor vê o cenário da Linguística Forense hoje, no mundo ocidental?

Professor Malcom: A linguística forense está agora bem estabelecida, pelo menos nos países anglófonos e especialmente no Reino Unido, como disciplina acadêmica e como área de perícia. Muitas universidades britânicas oferecem uma disciplina em Linguística Forense e existem vários programas de mestrado e doutoramento. Além disso, os acadêmicos britânicos não só atuam como peritos de acusação e defesa, como também alguns deles trabalham em colaboração com a polícia para melhorar a técnica de entrevistar e ajudá-los a entrevistar melhor através de um intérprete. Outros acadêmicos estão a trabalhar com a polícia para melhorar a forma como as provas orais gravadas em áudio são utilizadas em tribunal.

3. (Revista Saridh) E no Brasil, professor, como o senhor avalia o desenvolvimento da Linguística Forense?

131

Professor Malcom: Estou desiludido com os progressos registados no Brasil. Desde 2012, estou sediado em Florianópolis e ligado à UFSC. Não consegui estabelecer a LF nem como uma disciplina de graduação, muito menos implantar um mestrado, e há poucas universidades onde os alunos de graduação podem estudar a disciplina. Por esse motivo, tive o prazer de lecionar no primeiro curso brasileiro a distância, realizado na UFRN, e aplaudo a decisão de repetir o curso a partir do segundo semestre deste ano. Enquanto anualmente deve haver dezenas de casos em que uma perícia em LF seria útil, em doze anos eu só fui contratado seis vezes no Brasil.

4. (Revista Saridh) Professor Malcolm, quais são os desafios que a área encontra nos dias de hoje?

Professor Malcom: Advogados e policiais poderiam se beneficiar muito mais da LF se conhecessem o que a área pode oferecer. O maior desafio é dar a conhecer melhor a disciplina. No Reino Unido, tivemos a sorte, no início, de ter alguns casos de grande visibilidade que apareceram na televisão e na imprensa. No Brasil, por outro lado, o relatório que escrevi com minha esposa para um recurso contra a condenação de um ex-governador do Rio, sequer foi divulgado.

5. (Revista Saridh) Ainda nessa linha dos desafios, Professor Malcolm, em sua visão, quais são os objetos de pesquisa mais desafiadores, atualmente, na área da Linguística Forense?

Professor Malcom: Uma área que está a preocupar os linguistas forenses neste momento é como detectar textos criados por IA, podem ser ensaios de estudantes, mas muito mais preocupante serão os textos falsificados por pessoas que assumem a identidade de outras, políticos, amantes e até mesmo pessoas mortas. Os linguistas conseguiram identificar testamentos falsificados no passado, mas será que um testamento criado por IA pode ser detectado?

132

6. (Revista Saridh) Para finalizar, professor, gostaríamos que o senhor comentasse um pouco sobre como avalia o futuro da Linguística Forense.

Ao longo dos 40 anos da minha atividade, a análise de autoria deixou de ser uma arte para se tornar uma ciência. A formação de novos linguistas forenses exige uma familiarização com técnicas estatísticas e com programas informáticos. No entanto, como Roger Shuy sempre afirmou, para se ser um bom linguista forense é preciso primeiro ser um bom linguista (aplicado), ser um bom linguista nos domínios da tradução forense, da entrevista, da análise de textos jurídicos, da análise de marcas etc. Ainda há muito para o artista linguístico fazer, mas temos de estar sempre conscientes da contribuição que a IA pode dar e de como aproveitá-la para o bem e como trabalhar contra a sua má utilização.